

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

GISELE SILVA XAVIER

**LITERATURA FANTÁSTICA E FORMAÇÃO DE LEITOR:
*O que revelam os estudos?***

Natal (RN),
2017

Gisele Silva Xavier

**LITERATURA FANTÁSTICA E FORMAÇÃO DE LEITOR:
*O que revelam os estudos?***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Alessandra Cardozo de Freitas

Natal (RN),
2017

GISELE SILVA XAVIER

**LITERATURA FANTÁSTICA E FORMAÇÃO DE LEITOR:
O que revelam os estudos?**

Monografia, apresentada a
Universidade Federal do Rio Grande do
Norte, como parte das exigências para
a obtenção do título de licenciatura em
Pedagogia.

Natal, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Alessandra Cardozo de Freitas
UFRN

Prof^a. Soraneide Soares Dantas
UFRN

Prof^a. Lívia Cristina Cortez Lula de Medeiros
IFPB

A minha mãe

Agradecimentos

À minha orientadora pela orientação, amabilidade, paciência e tranquilidade com que me conduziu durante esse trabalho.

A todos os professores que me fizeram chegar até aqui e me possibilitaram vivenciar experiências que serviram como suporte para a realização desse trabalho e que levarei por toda a minha vida como profissional.

A todos os colegas que trilharam esse caminho junto comigo.

À minha família – principalmente minha mãe e irmã – que me apoiaram e me ajudaram durante todo esse percurso.

A imaginação, como a inteligência ou a sensibilidade, ou é cultivada, ou se atrofia.

(Jacqueline Held)

Resumo

O trabalho tem como tema *Literatura fantástica e formação de leitor*. O interesse por esse tema surgiu a partir de leituras de narrativas fantásticas durante a infância e a adolescência. Essas leituras passaram a ser problematizadas durante a graduação em Pedagogia, mediante perguntas do tipo: Como os pesquisadores conceituam o fantástico? Quais as características desse tipo de literatura? Quais as suas contribuições para a formação do leitor? Compreende-se que na formação do leitor vários aspectos estão implicados, como o acesso dos leitores às obras e práticas regulares de leitura. Nessa direção, destaca-se a necessidade de o professor conhecer sobre os gêneros lidos, no caso em específico, as histórias fantásticas, de modo a influenciar positivamente a formação do aprendiz como leitor. Nesse sentido, indagamos: o que revelam os estudos sobre a literatura fantástica? O trabalho, portanto, constitui uma pesquisa de natureza bibliográfica (GIL, 2002) com objetivo de natureza exploratória: evidenciar os achados dos estudos sobre o fantástico, com vistas à formação do leitor dos anos iniciais do fundamental. Para compor o referencial teórico, destacam-se os estudos de FREIRE (1989) sobre leitura; as reflexões de ZILBERMAN (2003), COELHO (2000) e AMARILHA (2009) sobre literatura e prática pedagógica; as análises de YUNES e PONDÉ (1988) e as ideias de SMITH (1989) referentes aos conceitos de leitura e formação do leitor; as pesquisas de TODOROV (2008), HELD (1980), ROAS (2013) e CÉSERANI (2006) sobre literatura fantástica e, por fim; reflexões sobre a leitura no ensino fundamental (BRASIL,1997). Com base nesse referencial, são apresentados conceitos e a importância da leitura: por meio dela compreende-se o outro e o mundo, assim como, compreende-se o que ler através dos conhecimentos prévios do leitor. O aprendizado da leitura acontece através do contato com os livros e convivência e incentivo de leitores experientes. Também, são analisados os conceitos, as características e as contribuições do fantástico para a formação do leitor. Conclui-se que a literatura fantástica propicia contribuições importantes, como: intensifica a formação do leitor reflexivo, sobre si mesmo e o mundo em que o cerca; envolve o leitor de modo a provocar a sua imaginação e criatividade. Espera-se com isso, que o professor possa perceber as contribuições desse gênero literário e que possa trabalhá-lo na formação do leitor.

Palavras-chave: Literatura Fantástica; Leitura; Formação de leitor

Sumário

1 PALAVRAS INTRODUTÓRIAS... POR QUE LITERATURA FANTÁSTICA?.....	10
2 ORGANIZANDO A REFLEXÃO OU O FANTÁSTICO NA/DA REFLEXÃO.....	13
2.1 Leitura e formação do leitor nos anos iniciais.....	14
2.2 A leitura de literatura na sala de aula.....	17
3 LITERATURA FANTÁSTICA E FORMAÇÃO DO LEITOR: O QUE DIZEM OS ESTUDOS?.....	20
3.1 <i>Alice no País das Maravilhas</i> : uma experiência com o fantástico?.....	20
3.2 Contribuições do fantástico à formação do leitor.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	37

1 Palavras introdutórias...Por que literatura fantástica?

Neste trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, reflito sobre a relação da literatura fantástica e formação do leitor nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com o propósito de evidenciar os achados dos estudos sobre a literatura fantástica, considerando a compreensão sobre o conceito e as características do fantástico, bem como, as suas contribuições para a formação do leitor.

O interesse em pesquisar sobre esse tema surgiu da condição de leitora das narrativas fantásticas. Desde pequena, tive contato com livros, com as histórias dos contos de fadas, lidas ou contadas oralmente pelos meus pais ou pela professora, passando a incluir outras histórias, como: “A bolsa amarela”, de Lygia Bojunga e “Pollyanna”, de Eleanor H. Porter. Depois, enveredei pelo mundo fantástico nas histórias do “Sítio do Picapau Amarelo” de Monteiro Lobato, até histórias mais atuais, como: as de “Percy Jackson e os Olimpianos”, de Rick Riordan, “Os instrumentos mortais”, de Cassandra Clare, “Sussurro”, de Becca Fitzpatrick, “A maldição do tigre,” de Collen Houck, entre outras. Essas histórias têm, em sua maioria, a presença do fantástico e motivou o meu interesse na condição de leitora, de tal modo que fui conduzida a refletir sobre o tema na condição de futura docente, mediante as seguintes indagações: Como os pesquisadores conceituam o fantástico? Quais as características desse tipo de literatura? Enfim, quais as suas contribuições para a formação do leitor?

Compreendo que vários aspectos são necessários com vistas à formação do leitor, como o contato com os livros, sobretudo os de literatura. É imprescindível, ainda, que a escola possibilite um acervo de qualidade de obras e práticas regulares de leitura. É importante, ainda, que o professor incentive a leitura e possa trabalhá-la de modo a despertar o interesse dos alunos pela leitura. Lajolo (2002) ressalta a abrangência que a aprendizagem da leitura provoca:

[..] lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, num espiral quase sem fim, que pode e deve

começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.
(p.10).

No pronunciamento da autora, compreendo que a leitura não se limita a um aprendizado escolar. Contudo, neste trabalho, que parte de um curso na área da educação, de formação de professores da educação básica, evidencio o papel importante da escola na formação do leitor. Para um grande contingente de crianças compete à escola iniciar uma cultura de leitura e escrita mediante práticas significativas. É nessa direção que destaco a necessidade do professor conhecer as histórias fantásticas e sua importância, de modo, a saber, como abordá-las nas práticas de leitura.

O estudo constitui uma pesquisa de natureza bibliográfica (GIL, 2002), com objetivo de natureza exploratória, voltado a evidenciar os achados dos estudos sobre o fantástico, com vistas a formação do leitor dos anos iniciais do fundamental. Enquanto objetivos específicos:

- Compreender como os autores conceituam e caracterizam o fantástico na literatura, identificando aproximações e distanciamentos entre os estudos.
- Relacionar os achados dos estudos com a formação do leitor, na perspectiva de evidenciar possíveis contribuições.

Para compor o referencial teórico, destaco os estudos de FREIRE (1989) sobre leitura; as reflexões de ZILBERMAN (2003), COELHO (2000) e AMARILHA (2009) sobre literatura e prática pedagógica; as análises de YUNES e PONDÉ (1988) e as ideias de SMITH (1989) referentes aos conceitos de leitura e formação do leitor; as pesquisas de TODOROV (2008), HELD (1980), ROAS (2013) e CESERANI (2006) sobre literatura fantástica e, por fim; reflexões sobre a leitura no ensino fundamental, considerando objetivos e conteúdos (BRASIL,1997).

O trabalho está organizado da seguinte forma:

- **Palavras introdutórias...Por que literatura fantástica?**: contextualização do tema; apresentação da questão de estudo, qual a natureza da pesquisa, objetivos e quais autores compõem o referencial teórico;

- **Organizando a reflexão ou o fantástico na/da reflexão**: definição do tipo e natureza da pesquisa e como ela foi realizada;

- **Leitura e formação do leitor nos anos iniciais**: concepções de leitura;

- **A leitura de literatura na sala de aula**: a importância da literatura e o conceito e importância da literatura infantil;

- **Literatura fantástica e formação do leitor: o que dizem os estudos?**: introdução ao tema Literatura Fantástica;

- **Alice no País das Maravilhas: Uma experiência com o fantástico?**: apresentação e discussão sobre a Literatura Fantástica (conceito e características) com base em vários estudos e análise da história de Alice nos Países das Maravilhas;

- **Contribuições do fantástico à formação do leitor**: apresentação e discussão dos achados sobre as contribuições do fantástico à formação do leitor;

-**Considerações finais**: recapitulação, conclusões, reflexões e questionamentos.

2 Organizando a reflexão ou o fantástico na/da reflexão

Como forma de constituir os dados que evidenciarão as contribuições da literatura fantástica na formação do leitor, assumo a pesquisa bibliográfica na condução deste trabalho, compreendendo-a nos seguintes termos:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também, costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. (GIL, 2002, p. 44).

Em outros termos, os dados serão provenientes de estudos já realizados, especialmente em educação e áreas afins, como letras e literatura. Na análise desses dados, pretendo evidenciar os aspectos mais citados pelos estudiosos sobre a relação literatura fantástica e formação do leitor.

Para a seleção dos estudos, assumi como procedimentos metodológicos:

- Buscar nos sites, repositórios e bibliotecas digitais (CAPES, UNICAMP, USP, UFMG/Ceale, Pacto/MEC, UFPR, Revista Educação em Questão, PANTHEON/UFRJ, UFPR) mediante descritores como leitura, literatura fantástica e formação do leitor, trabalhos de monografia, artigo, dissertação e tese;

- Fazer a leitura do resumo dos trabalhos selecionados, como forma de identificar objetivo, referencial teórico-metodológico e resultados, na tentativa de selecionar os textos a serem lidos integralmente;

- Fazer a leitura das referências, na tentativa de selecionar livros, artigos, monografias, dissertações e teses a serem lidos;

- Proceder à leitura atenta dos textos selecionando, objetivando identificar aproximações e distanciamentos quanto ao que eles se referiam como:

características da literatura fantástica e contribuições dessa literatura para a formação do leitor;

- Constituir, a partir da análise comparativa de aproximações e distanciamentos dos dados, o texto de reflexão da monografia em estudo.

Na continuidade dos procedimentos metodológicos, destaco a importância da revisão dos conceitos centrais que envolvem a discussão: leitura; literatura; formação do leitor e literatura fantástica. Esse procedimento foi recorrido durante todo o trabalho, no sentido de aprimorar a reflexão, que apresenta natureza exploratória, no sentido de ter como objetivo:

[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (GIL, 2002, p. 41).

Com isso, o trabalho pretende alcançar os seguintes objetivos específicos:

- Compreender como os autores conceituam e caracterizam o fantástico na literatura, identificando aproximações e distanciamentos entre os estudos.
- Relacionar os achados dos estudos com a formação do leitor, na perspectiva de evidenciar possíveis contribuições.

Portanto, o estudo envolve diferentes fontes, de áreas distintas e com perspectivas teóricas e metodológicas diferenciadas. Considerando esse aspecto, apresento a seguir a reflexão sobre os conceitos estruturantes de nosso trabalho. Começando com a abordagem sobre o conceito de leitura, sua importância e concepções:

2.1 Leitura e formação do leitor nos anos iniciais

Início esse tópico questionando: *O que é leitura? Por que lemos?*

Lemos com diversos fins, seja por prazer, para conhecer algo (um país, por exemplo), para nos informar (jornal), para nos instruir (manual de instrução, receita). A leitura faz parte de nossas vidas. Compreendemos melhor o outro e o mundo através dela, assim como, também podemos compreender o que lemos a partir de nossos conhecimentos prévios e das experiências de vida:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. (BRASIL, 1997, p. 41).

Pelo exposto, entendo que a leitura é uma troca entre o conhecimento de mundo do leitor e os conhecimentos do autor que permitem que o leitor atualize ou reafirme o saber. De toda forma, ele estará em contato com uma forma de expressão sobre o mundo.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p.9).

Mas quando/como começamos a ler?

Segundo Smith (1989):

“Em um sentido bastante literal, aprender a ler é como aprender a linguagem falada. [...] Tudo que as crianças precisam para dominar a linguagem falada, tanto para produzi-la por si mesmas quanto, mais fundamentalmente, para compreenderem sua utilização pelos outros, é ter a experiência de usar a linguagem em um ambiente significativo. As crianças aprendem facilmente sobre a linguagem falada, quando estão envolvidas em sua utilização, quando esta lhes faz sentido. E, da mesma forma, tentarão compreender a linguagem escrita se estiverem envolvidas em sua utilização, em situações onde esta lhes faz sentido e onde pode gerar e testar hipóteses.” (p. 237).

Assim sendo, é somente através da própria experiência, dentro de seu contexto, de forma que tenha sentido para a criança é que o aprendizado da leitura acontece, compreendendo a importância da leitura e por que utiliza-la.

A convivência com outros leitores, também, é uma motivação para a criança:

As crianças se esforçarão por compreender, por se engajarem em qualquer coisa que vejam os adultos fazerem, desde que estes adultos demonstrem prazer e satisfação ao fazê-lo. Se a linguagem escrita existe no mundo da criança, e é utilizada com visível satisfação, então a criança lutará para dominar seus mistérios; isto está em sua natureza. (p. 239).

Desse modo, além da presença de um ambiente onde há situações em que a leitura tem sentido, é importante que as crianças percebam que o ato de ler é prazeroso. Por isso é importante que o professor, tendo um papel essencial na formação leitora de seus alunos, goste de ler e seja um leitor assíduo.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa:

Para aprender a ler [...] é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes. (BRASIL, 1997, p. 42-43).

Sendo assim, é essencial que a criança tenha contato com os livros, que conviva com a leitura e que perceba a sua importância. Koch e Elias (2008) nos advertem para as concepções de leitura que se relacionam com a “concepção de **sujeito**, de **língua**, de **texto** e de **sentido** que se adote” (p. 9). Organizam as concepções de acordo com três tópicos: Foco no autor, Foco no texto e Foco na interação autor-texto-leitor.

No primeiro - Foco no autor -, os autores expressam que na “concepção de língua como representação do pensamento e, de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, **o texto** é visto como um produto – lógico – do pensamento (representação mental) do autor [...]” (p. 9-10), sendo assim a leitura “[...]entendida como a atividade de captação das idéias do autor [...] O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções [...]” (p.10). O leitor teria a tarefa de compreender o que o autor está pensando e o que ele quer dizer.

No segundo tópico – Foco no texto, Koch e Elias (2008) afirmam que na “concepção de **língua como código** – portanto, como mero instrumento de comunicação – e de **sujeito como (pre)determinado pelo sistema**, **o texto** é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte [...]” (p.10). Nesse caso, “[...] **a leitura** é uma atividade que exige do leitor o foco no texto, em sua linearidade, uma vez que ‘tudo está dito no dito’[....] cabe-lhe o reconhecimento do sentido das palavras e estruturas do texto” (p.10). O autor passa para o leitor uma mensagem, o texto é um simples meio de informação e o leitor precisa apenas conhecer o código.

E, no terceiro tópico – Foco na interação, os autores falam que “na concepção **interacional (dialógica) da língua**, os sujeitos são como **atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se**

constroem e são construídos no texto, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores.” (p. 10-11). Sendo assim, “**a leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos**” (p.11). Portanto, o leitor se torna ativo no momento da leitura, não sendo um sujeito vazio que somente recebe informações, que precisa apenas decodificar um código ou entender o que o autor diz. O autor não é o único detentor do conhecimento do texto.

Smith (1989), também, discorre sobre a relação do leitor com o texto falando da importância do conhecimento da linguagem para a leitura:

O acesso à informação visual é uma parte necessária da leitura, mas não é o suficiente. Você pode ter uma riqueza de informação visual em frente a seus olhos abertos e ainda não ser capaz de ler. Por exemplo, o texto pode estar escrito em uma outra língua, que você não compreende. O conhecimento da linguagem relevante é essencial para a leitura, mas você não pode esperar encontra-lo na página impressa. Ao contrário, este conhecimento é uma informação que você já deve possuir, por trás dos globos oculares. Pode ser distinguido da informação visual que passa através dos olhos se o chamarmos de informação não-visual ou “conhecimento prévio”. (p. 85).

O autor fala do conhecimento que o leitor deve ter em relação ao assunto do texto como igualmente essencial para a leitura:

O conhecimento sobre o assunto é igualmente importante. Se dermos a muitas pessoas um artigo sobre física, cálculo diferencial ou sobre manutenção de aviões a jato, estas pessoas não serão capazes de ler – não por causa de alguma inadequação do texto, que especialistas podem ler perfeitamente, não porque exista algo de errado com seus olhos, mas porque não possuem a informação não-visual adequada”. (p. 85).

Considerando o exposto pelo autor, a leitura envolve os conhecimentos prévios do leitor seja em relação à linguagem ou ao assunto tratado no texto. Dessa forma, assim como o terceiro tópico apresentado por Koch e Elias (2008), o leitor não seria um ser vazio pelo qual o escritor deveria passar o conhecimento. O texto, seria, assim, um meio de interação entre leitor e escritor:

Os textos existem independente dos escritores e leitores. Em nenhum momento o texto existe, em sua totalidade, somente na cabeça do escritor ou do leitor. Mas antes da interação com o texto (a escrita ou leitura), a especificação determina o que o escritor ou o leitor farão. E a interação que se desenvolve com o texto muda a especificação, contribuindo para que os escritores e leitores acabam crendo que fizeram. (p. 209).

À vista disso, o texto é um espaço de interação que envolve as intenções e expectativas dos escritores e leitores.

Considerando os diferentes focos atribuídos à leitura pelas autoras Koch e Elias (2008) e da ideia da relação leitor-texto-escritor de Smith, é preciso ter a clareza que nenhuma ação do professor relacionada à leitura é aleatória, mas está sustentada por ideias/concepções sobre o que é ler; como se ler; como se ensina a ler, o que é texto; o que é autor, qual relação há entre texto e leitor e muitas outras questões que emergem na complexidade da atividade de leitura. Sobretudo, é importante afirmar que essas ideias relacionadas às práticas promovem interesses ou frustrações no leitor aprendiz, podendo resultar em formação ou desvio de rota.

A partir do que foi discutido acredito que o terceiro tópico – foco na interação – é o que se aproxima da leitura da literatura:

2.2 A leitura de literatura na sala de aula

Por que ler literatura em sala de aula?

Para essa indagação Yunes e Pondé (1988) asseveram:

[...] a literatura assume um papel político muito mais amplo, pois deixa de ser apenas sinal de erudição, para contribuir para a formação do pensamento crítico e atuar como instrumento de reflexão, uma vez que pode questionar, através de sua linguagem, a hegemonia do discurso oficial e o consenso estabelecido pela ideologia dominante. (p. 37).

A literatura permite a reflexão crítica sobre nossa realidade, não sendo apenas um meio de instrução. Por meio de sua linguagem, ela questiona e faz o leitor questionar sobre o mundo em que vive.

A literatura também:

[...] sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o pois a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 2003, p. 25)

Conforme a autora, a realidade do livro, mesmo sendo histórias de fantasias, vai estar sempre ligada à realidade do leitor. Fazendo com que o momento da leitura permita ao leitor a vivência de situações e sentimentos parecidos com os seus, fazendo com que ele reflita sobre si mesmo, possibilitando conhecer o mundo em que vive e a si mesmo.

E, o que é literatura infantil? Qual sua importância?

Entendo que nesse trabalho é preciso definir o que é literatura infantil. Para Coelho (2000):

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...(p. 27).

Dessa forma, literatura infantil é a representação do mundo de forma criativa, onde se encontra o imaginário e o que é real.

Marly Amarilha (2009), em seu livro “Estão mortas as fadas?”, comenta sobre as contribuições da atividade lúdica por meio da literatura: “Em primeiro lugar, toda atividade lúdica implica distanciamento do real, isto é, temporariamente, entra-se em outro universo [...] Como se afasta do mundo que o cerca, a criança faz um exercício de abstração.” (p. 51). Assim, a criança tem a oportunidade de vivenciar um contexto diferente do seu, acompanhando personagens com personalidades diferentes ou parecidas com a sua que enfrentam problemas e desafios que podem estar ou não próximos do leitor em lugares diferentes, muitas vezes extraordinários.

Esse distanciamento é necessário: “[...] ao planejamento, à elaboração de projetos. Só consegue planejar quem consegue abstrair o mundo imediato que o cerca e viver temporariamente, no imaginário. [...] treina-se também a concentração.” (AMARILHA, 2009, p. 51-52). Sendo assim, quando o leitor deixa sua realidade e entra em outra onde é contada uma história que não é a sua, exige a concentração para que a criança mergulhe, sinta e compreenda o enredo e os personagens. E, esse distanciamento ao ler a história, também, é utilizado quando planejamos. O planejamento exige que o sujeito imagine algo a sua frente, esquecendo momentaneamente o presente.

O leitor ao entrar na história: “[...] se projeta no outro e através desse jogo de espelho ganha autonomia e ensaia atitudes e esquemas práticos necessários à vida adulta.” (AMARILHA, 2009, p. 53). Por meio disso, a criança compartilha medos, sentimentos, angústias, alegrias e enfrenta, como dito anteriormente, junto com o personagem, desafios e vivencia realidades parecidas, diferentes ou que

podem acontecer no futuro do leitor, o que pode ajudar a entender a si próprio ou o próximo.

Através da leitura a criança pode viver no mundo das palavras, conhecendo novas palavras e as diversas formas de usá-las: “Ao ter contato com a literatura, a criança se familiariza com estruturas linguísticas mais elaboradas por que é o resultado do trabalho de um escritor [...]” (AMARILHA, 2009, p.56).

Como constatado, é extremamente importante a leitura de literatura na sala de aula, tanto para a formação crítica e o conhecimento do mundo e de si mesmo pelo leitor, como também para o desenvolvimento de habilidades (abstração, planejamento, concentração, autonomia) necessárias para outras áreas e para a vida.

Dessa forma, acho essencial que o professor compreenda a importância da literatura (como também seja um leitor desses livros). Mas também deve ser considerada a concepção de leitura do professor, o que pode influenciar na forma como a leitura, inclusive da literatura, será abordada na sala de aula e que consequentemente influenciará na forma como o aluno se relacionará com os livros. A partir disso, e do que foi discutido no tópico, entendo que a literatura exige um conhecimento prévio do leitor a partir do ponto que ela está ligada a realidade e nos faz refletir e pensar de forma crítica sobre ela. Assim, não somente o autor tem o conhecimento, mas o leitor também, o que implica na interação entre ambos os sujeitos. O que se aproxima da concepção, apresentada por Koch e Elias (2008), discutido no tópico anterior, que tem como foco a interação. Tudo isso envolve a prática de leitura do professor e em como ele trará a literatura para a sala de aula.

Compreendendo a importância da leitura de literatura na sala de aula, é que selecionei o estudo sobre literatura, especificamente a literatura fantástica, que será abordada no próximo capítulo.

3 Literatura fantástica e formação do leitor: o que dizem os estudos?

O lugar privilegiado da infância é o imaginário. Entre o que é e o que pode ser, as fronteiras são mínimas, os desejos prevalecem sobre as limitações. (YUNES; PONDÉ, 1988).

O fantástico leva o leitor a vivenciar uma realidade diferente da sua:

Assim, a narração fantástica reúne, materializa e traduz todo um mundo de desejos: compartilhar da vida animal, libertar-se da gravidade, tornar-se invisível, mudar seu tamanho e – resumindo tudo isso – transformar à sua vontade o universo: o conto fantástico como realização dos grandes sonhos humanos, sonhos frequentemente retomados pela ciência. (HELD, 1980, p. 25).

A literatura fantástica permite que o leitor entre em um mundo cheio de possibilidades e acontecimentos insólitos, onde o real e o imaginário se encontram. Por isso essa literatura atrai tantos leitores para o “mundo das maravilhas” à semelhança de Alice, personagem de CARROLL (1998).

Para iniciar esse capítulo de análise, convoco o leitor para experimentar a reflexão sobre o fantástico e as suas contribuições direto do país das maravilhas, retomando a história de Alice (CARROLL, 1998):

3.1 Alice no País das Maravilhas: *Uma experiência com o fantástico?*

Mas eu não ando com loucos’, observou Alice.

‘Oh, você não tem como evitar’, disse o Gato, ‘somos todos loucos por aqui. Eu sou louco. Você é louca’.

‘Como é que sabe que eu sou louca?’, disse Alice.

‘Você deve ser’, disse o Gato, ‘senão não teria vindo para cá.’ (CARROLL, 1998, p. 85).

Em Alice no País das maravilhas o leitor é apresentado a Alice e vivencia com ela uma aventura onde tudo é possível. As situações e os personagens são bastante loucos, estranhos e extraordinários. Um mundo diferente do conhecido mundo real, mesmo que apresente elementos da realidade racional que o leitor vive e conhece.

A história começa com uma Alice entediada ao lado de sua irmã que está lendo um livro. Ela então vê um coelho falante de posse de um relógio e o segue até uma toca e acaba caindo em um poço bastante fundo. E, entre aumentar e diminuir de tamanho ela conversa com um Camundongo, uma lagarta azul, uma duquesa e o Gato de Cheshire; toma chá com a Lebre de Março, o Arganaz e o Chapeleiro; joga croqué (em que as peças eram vivas) com o Rei e a Rainha de Copas; ouve a história da Tartaruga Falsa e participa do julgamento do Valete de Copas entrando em uma discussão com a Rainha. E quando todo o baralho de cartas investe contra ela, Alice desperta de seu sonho, e conta sua aventura para a irmã.

Seria a história de Alice no país das maravilhas uma literatura fantástica?

Quando se fala de Fantástico o que nos remete são histórias de fantasias cercadas por situações inusitadas e seres sobrenaturais. Se colocarmos no Google “livros de literatura fantástica” o que surge são livros como “O senhor dos anéis”, “A batalha do Apocalipse”, “Harry Potter”, “Percy Jackson”, “A bússola de ouro”, “Alice no país das maravilhas”, “A seleção”, “Eragon”, “A guerra dos tronos”, “O nome do vento” e por aí vai. Por isso, a literatura fantástica surge neste estudo com a ideia de estar ligada a fantasia presente nos livros.

Antes de seguirmos o trajeto no país das maravilhas, é importante evidenciar os achados encontrados nos estudos sobre o tema. Nessa direção, considero como categorias de análise: o conceito de fantástico; características e contribuições, considerando o corpus de dados, que é constituído, principalmente, de autores da teoria da literatura.

Calvino (2004) traz em seu livro (Contos Fantásticos do século XIX) diversos autores, como E. T. A. Hoffmann, Edgar Allan Poe, Walter Scott, Philarète Chasles, Nathaniel Hawthorne, Théophile Gautier, Joseph Sheridan Le Fanu,

Charles Dickens, Ivan S. Turguêniev, entre outros. Calvino também apresenta uma seleção de contos: O homem de areia; O coração denunciador; A história de Willie, o vagabundo; O olho sem pálpebra; O jovem Goodman Brown; A morte amorosa; O fantasma e o consertador de ossos; O sinaleiro; O sonho, entre outros). O autor também afirma, na Introdução do seu livro, que o conto fantástico é uma das criações mais características da narrativa do século XIX:

[...] a relação entre a realidade do mundo que habitamos e conhecemos por meio da percepção e a realidade do mundo do pensamento que mora em nós e nos comanda. O problema da realidade daquilo que se vê – coisas extraordinárias que talvez sejam alucinações projetadas por nossa mente; coisas habituais que talvez ocultem sob a aparência mais banal uma segunda natureza inquietante, misteriosa, aterradora – é a essência da literatura fantástica, cujos melhores efeitos se encontram na oscilação de níveis de realidades inconciliáveis. (CALVINO, 2004, p. 9-10).

Conforme o autor, o fantástico está na oscilação de duas realidades que não se combinam: a realidade do mundo e a do pensamento.

Calvino (2004), também, comenta sobre o Fantástico na literatura francesa e italiana: “[...] fantástico quase sempre se refere a elementos macabros, como aparições de fantasmas do além. Já o uso italiano associa mais livremente ‘fantástico’ a ‘fantasia’ [...]” (p. 10).

Em relação ao que é afirmado por esses autores, questiono sobre a literatura fantástica dos tempos atuais. Em outros termos, a definição por eles apresentada sustenta-se nos tempos de hoje?

Quanto a Todorov (2008), o autor apresenta não somente o conceito de Fantástico, mas também o de Estranho e Maravilhoso que são interligados e se confundem por apresentarem características parecidas.

Com base em seu livro, no gênero fantástico, o que ocorre é a incerteza se o que está acontecendo tem uma explicação lógica ou se realmente está

acontecendo algo sobrenatural, o personagem e, até mesmo, o leitor chega a ter dúvidas entre os dois: “O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2008, p.31)

No entanto:

[...] o fantástico não dura mais que o tempo de uma vacilação: vacilação comum ao leitor e ao personagem, que devem decidir se o que percebem provém ou não da “realidade”, tal como existe para a opinião corrente. Ao finalizar a história, o leitor, se o personagem não o tiver feito, toma entretanto uma decisão: opta por uma ou outra solução, saindo assim do fantástico.” (TODOROV, 2008, p. 48)

Considerando o que autor diz, o fantástico estaria presente apenas em parte da história, ou seja, enquanto a dúvida sobre esse mundo estiver presente e a decisão estaria majoritariamente nas mãos do leitor que interpretaria a história como sendo fruto da imaginação do personagem ou mesmo loucura dele, encontrando, assim, uma explicação lógica ao que ocorreu ou ao que realmente aconteceu. A obra então se encaixaria em outros gêneros (o Estranho ou o Maravilhoso).

Segundo Todorov (2008), o gênero Estranho apresenta um fenômeno aparentemente sobrenatural, mas que depois o leitor encontra uma explicação lógica para o ocorrido (o sobrenatural na verdade não existia), isso caso o leitor decida “que as leis da realidade permanecem intactas e permitem explicar fenômenos descritos, dizemos que a obra se liga a outro gênero: o estranho” (p. 48).

Já o gênero Maravilhoso, tem a presença da fantasia em seu cenário e em seus personagens, ou seja, ambos são extraordinários; os personagens não reagem com estranheza ao fantástico, sendo que este faz parte de seu mundo, sendo assim o leitor não tem dúvidas sobre se existe ou não a presença do fantástico nesse mundo, não há hesitação. Se o leitor: “decide que se devem

admitir novas leis da natureza, pelas quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do maravilhoso” (TODOROV, 2008, p.48).

Percebemos que a literatura é vasta em gêneros e subgêneros que são muitos próximos, mas que apresentam algumas diferenças que os delimitam como determinado gênero.

Vale ressaltar, como citado anteriormente, que a ideia inicial sobre o fantástico era a presença da fantasia nos livros, mas que alguns autores trazem ideias diferentes sobre esse conceito como, por exemplo, Todorov (2008) em seu livro “Introdução à literatura fantástica” que vai além da definição da presença da fantasia, e traz também outros gêneros próximos a esse.

Para Held (1980): “[...] O fantástico seria o irreal no sentido estético daquilo que é apenas imaginável; o que não é visível aos olhos de todos, que não existe para todos, mas que é criado pela imaginação, pela fantasia de um espírito.” (p. 24-25). Dessa forma, o fantástico seria algo que não existe no mundo real, mas que é criado pela imaginação do autor.

A autora ainda fala: “Mais do que em certos temas ou em certos personagens, a essência do fantástico reside antes em certo clima em que, sutilmente, sonho e realidade se interpenetram, a tal ponto que qualquer linha de demarcação desaparece” (HELD, 1980, p. 26). Ela também traz, assim como Todorov (2008) e Calvino (2004), a ideia de encontro entre dois opostos, que aqui ela chama de sonho e realidade, o encontro entre eles faz com que o limite que os separa desapareça e ambos convivam em uma mesma realidade.

Held (1980) também fala que: “Do ponto de vista daquele que cria, a obra fantástica, assim como qualquer outro gênero literário, encontra sua fonte numa experiência cotidiana, com personagens conhecidos, acontecimentos vividos [...]” (p.28). Ou seja, por mais fantasiosa que seja a história ela sempre vai ter elementos ligados ao real, ao mundo do leitor.

Coelho (2000) aproxima-se do modo de pensar de Held (1980), especialmente ao afirmar que o imaginário está ligado ao fantástico. A autora apresenta o conceito de Realismo mágico e a sua definição:

Obra em que as fronteiras entre realidade e imaginário se diluem, fundindo-se as diferentes áreas para dar lugar a uma terceira realidade, em que possibilidades de vivências são infinitas e imprevisíveis. Situações centradas no cotidiano comum que irrompe algo 'estranho', que é visto e vivido com a maior naturalidade pelas personagens. (p. 158).

Coelho (2000) também se aproxima da definição de Todorov (2008), em que algo sobrenatural surge em meio a um contexto do cotidiano e se aproxima da ideia de Held (1980), ao fato de as realidades se fundirem.

Para Roas (2013):

[...] o fantástico é construído a partir da convivência conflitiva que se produz entre o real e o impossível. E a condição de impossibilidade do fenômeno fantástico é estabelecida, por sua vez, em função da concepção de real que utilizam tanto as personagens quanto os leitores: o impossível é aquilo que não pode ser, aquilo que é inconcebível (inexplicável), segundo essa concepção.

O objetivo do fantástico é, em suma, a transgressão dos parâmetros que regem a (ideia de) realidade do leitor. (p. 61).

Considerando o que o autor disse, afirmo que livros infanto-juvenis como os de Percy Jackson, Harry Potter e As crônicas de Nárnia, se encaixariam como literatura fantástica, em que o sobrenatural, o extraordinário, tudo o que existe apenas na imaginação do leitor, vai de encontro com a realidade perceptível.

Entendo que todos os autores citados neste trabalho, ao definir o fantástico abordam a relação entre o Real e o Irreal. Calvino (2004) comenta sobre a **realidade do mundo e a do pensamento**, em que o problema é: se essas coisas extraordinárias são da mente alucinante do personagem ou se aquela realidade possui outra camada desconhecida, que aparecem como realidades que não combinam. Todorov (2008) fala **da hesitação, da dúvida, da vacilação** que o personagem algumas vezes sente, mas que principalmente o leitor sente em

relação à realidade apresentada na história, quando algo não esperado (aparentemente **sobrenatural**) surge quebrando a ideia do racional até então presente. Held (1980) relaciona o fantástico ao imaginário, fruto da **imaginação e fantasia** do autor, assim como, também fala do encontro entre **sonho e realidade**, fazendo com que o limite entre eles deixe de existir, e sobre como o fantástico possui elementos da realidade do leitor. Coelho (2000) cita, utilizando um termo diferente (Realismo mágico), que as diferentes **realidades se fundem** formando uma terceira onde tudo é possível. Ela comenta que **no cotidiano do personagem surge algo estranho**. Roas (2013) fala da **convivência conflitiva entre o real e o impossível**, que a ideia de impossível (do personagem e do leitor) vai depender da ideia que se tem do que é real, e que o objetivo do fantástico é quebrar o limite do que é real para o leitor.

Voltando a Alice no País das Maravilhas, um ponto a se destacar na história é como o elemento fantástico vai de encontro ao cotidiano da personagem no momento em que o Coelho Branco aparece no mundo de Alice:

[...] ela ficou pensando (da melhor maneira possível, pois o dia quente a fazia se sentir muito sonolenta e estúpida) se o prazer de fazer uma corrente de margaridas valeria o esforço de se levantar e colher as margaridas, quando de repente um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou correndo perto dela. (CARROL, 1998, p. 12).

No início, Alice não estranha o coelho, mas então ela percebe algo que é incomum para ela e que desperta a sua curiosidade: [...] Alice levantou-se num átimo, pois lhe passou pela cabeça que nunca tinha visto um coelho com bolso no colete, nem com um relógio para tirar do bolso, e, ardendo de curiosidade, correu pelo campo atrás dele [...]. (CARROLL, 1998, p. 12).

Percebe-se nos dois trechos acima o que foi apresentado nesse tópico em relação a definição e característica do fantástico: o encontro entre duas realidades diferentes, destaque para Coelho (2000) e Held (1980). A história começa de

forma comum, no meio de um ambiente familiar. E, é no cotidiano da personagem que algo incomum aparece, o elemento extraordinário.

Durante a aventura, o leitor questiona o que de fato está acontecendo e chega a duvidar da garotinha. O que nos remete ao que Todorov (2008) fala sobre o fantástico: a presença da hesitação, da incerteza diante de algo extraordinário. A própria personagem se mostra confusa em alguns momentos:

Meu Deus, meu Deus! Como tudo é esquisito hoje! E ontem tudo era exatamente como de costume. Será que fui eu que mudei à noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei hoje de manhã? Estou quase achando que posso me lembrar de me sentir um pouco diferente. Mas se eu não sou a mesma, a próxima pergunta é: “Quem é que eu sou?” (CARROLL, 1998, p. 26).

Alice, na maior parte da história, parece aceitar as situações mesmo que considerasse tudo estranho, como nesse trecho: “Será que adiantaria falar com este camundongo?”, pensou Alice. “Tudo é tão estranho aqui embaixo que acho muito provável que ele saiba falar. De qualquer modo, não vai fazer mal nenhum tentar”. (CARROLL, 1998, p. 30). E nesse outro: “[...] notou que uma das árvores tinha uma porta que abria para dentro do tronco. ‘Muito esquisito!’, pensou. ‘Mas tudo é esquisito hoje. Acho que não vai fazer mal entrar.’ E ela entrou.” (CARROLL, 1998, p. 103). Esse sentimento de estranheza por parte da personagem diante dos acontecimentos, lugares, e personagens inusitados, mostra, assim como Calvino (2004) e Roas (2013) nos fala, a relação entre duas realidades inconciliáveis e conflitivas dentro da história.

Compreendo que a fantasia e o imaginário do autor estão presentes durante toda a aventura de Alice na história. O fantástico, no entanto, não está presente até o fim da história, pois Alice, no final, acorda como se todo esse tempo estivesse em um sonho, explicando, assim, o porquê de estar vivenciando algo incomum à sua realidade:

“Acorde, Alice querida!”, disse a irmã. “Ora, mas como você dormiu!”

“Oh, eu tive um sonho muito curioso!”, disse Alice. E ela contou à irmã, detalhando ao máximo tudo o que conseguiu lembrar, essas estranhas Aventuras que vocês acabaram de ler. (p. 169).

Todorov (2008) fala do fantástico como sendo apenas um momento de vacilação, o leitor e o personagem decidem se o que acontece é real ou não. Na história do mundo das maravilhas o leitor, assim como Alice, também termina a história despertando de um sonho.

A partir do que foi discutido nesse tópico, entendo que o fantástico seja o encontro do real e do imaginário (impossível, extraordinário e sobrenatural), em que o personagem e o leitor se deparam com situações, personagens, cenários inusitados, onde tudo é possível.

3.2 Contribuições do fantástico à formação do leitor

Held (1980) ressalta a importância do Fantástico para **formar crianças críticas** sobre seu mundo: “[...] a história fantástica pode perfeitamente, às vezes sob falsa aparência de frivolidade, tocar em problemas graves, tornar a criança atenta e crítica, conduzi-la a interrogação mais experimentada e crítica sobre os dramas do mundo que a cerca.” (p.169). A autora mostra, em seu livro (O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica), os dois lados dessa literatura: o que **provoca a imaginação e realiza sonhos** e o que mesmo vestido de sonhos pode provocar, também, a **críticidade em relação à realidade** do leitor.

Held (1980), ainda, traz a possibilidade dessa literatura como **tradução dos sentimentos humanos**:

Para ocasionar a adesão do leitor, para ser ratificada, a história – por mais estranha, louca ou fantástica que seja – deve sempre ser tal de maneira que cada um possa, como num espelho, encontrar

nela certa essência do ser humano, de qualquer ser humano, de si mesmo: tradução de necessidades, de angústias, de desejos, conscientes ou não. (p. 151).

Por meio da história fantástica o leitor vivencia situações extraordinárias ao mesmo tempo em que pode se identificar com o personagem, compartilhando dos mesmos sentimentos que ele, fazendo-o refletir sobre sua própria realidade.

A autora também fala sobre o papel do fantástico:

O papel do fantástico não é, de maneira alguma, dar à criança receitas de saber e de ação, por mais exatas que sejam. A literatura fantástica e poética é, antes de tudo e indissociavelmente, fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fontes de espírito crítico, por que toda descoberta de beleza nos torna exigentes e, pois, mais críticos diante do mundo. E porque quebra clichês e estereótipos, porque é essa re-criação que desbloqueia e fertiliza o imaginário pessoal do leitor, é que é indispensável para a construção de uma criança que, amanhã, saiba inventar o homem. (HELD, 1980, p. 234).

Com isso Held (1980) sintetiza sua ideia sobre o fantástico como fonte de reflexão sobre si mesmo e seu mundo e que torna o leitor crítico sobre sua realidade, assim como provoca a imaginação. A própria obra fantástica vem da imaginação, é uma criação do autor, como bem disse a autora (tópico 3.1).

Leite (2002) em sua dissertação, “‘Fantástico’: um dragão nos currículos escolares” destaca como, por meio da literatura fantástica, o professor tem a possibilidade da **abordagem sensível de temas que rodeiam a sociedade** contemporânea: “A fantasia, nessas condições, emerge como uma possível saída para certos questionamentos humanos e sociais que permeiam o mundo contemporâneo, tão destituído da experiência sensível.” (p. 3). A fantasia, então, não somente retrata a realidade, como provoca questionamentos sobre ela.

Considerando a literatura fantástica como motivação para o lado crítico e reflexivo e que instiga o imaginário do leitor, Leite (2002) vê como importante a presença desse gênero na escola, que também é espaço de criação, principalmente para quem quer transformar o mundo, já que a leitura dessa literatura faz o leitor refletir e questionar sua realidade:

[...] a escola não é só espaço de reprodução é também de criação artística, plástica, musical, fato que me leva a acreditar que o "fantástico" pode vir a ser uma leitura desejada e, uma vez na escola, funcionar como uma mola propulsora entre imaginação e realidade, fertilizando o imaginário pessoal do leitor, principalmente daqueles que almejam transformar o mundo. (p.3).

Ramón (2003), também, traz o fantástico como meio para o pedagógico e didático. Para ela essa literatura **estimula a criatividade** da criança em decorrência do efeito catártico:

[...] O fantástico assume-se como uma categoria particularmente apta a desencadear efeitos pedagógico-didáticos e educativos na medida em que potencia um efeito catártico ao estimular a criatividade infantil, permitindo quer à personagem-criança, quer ao seu homólogo leitor explorar dimensões do mundo e da sua adequação com ele que de outra forma permaneceriam impenetráveis. (p. 381).

Esse termo "catártico", também, é destacado por Amarilha (2009) em seu livro "Estão mortas as fadas?" ao falar sobre o envolvimento emocional do leitor/ouvinte em relação a estrutura da narrativa/ficção:

Através do processo de identificação com os personagens, a criança passa a viver o jogo ficcional projetando-se na trama da narrativa. Acrescenta-se à experiência o momento catártico, em que a identificação atinge o grau de relação emocional, concluindo

de forma liberadora todo o processo de envolvimento. Portanto o próprio jogo da ficção pode ser responsabilizado, parcialmente pelo fascínio que exerce sobre o receptor. (p.18).

Essa identificação com o personagem permite que o leitor entre mais facilmente na história e possa vivenciar melhor a narrativa. E, é o sentimento de querer pertencer a esse mundo, de se identificar com algum elemento da história, ao mesmo tempo em que o estranha, é que envolve o leitor. Ceserani (2006), ao apresentar os procedimentos narrativos do fantástico, mostra um ponto (como parte desses procedimentos) que é o **maior envolvimento do leitor**: “O conto fantástico envolve fortemente o leitor, leva-o para dentro de um mundo a ele familiar, aceitável, pacífico, para depois fazer disparar os mecanismos da surpresa, da desorientação, do medo [...]” (p. 71). O envolvimento pela história é um ponto importante para quem quer começar a ler um livro. Para se formar leitores que gostem de ler, é preciso que os mesmos gostem do que leem e, para isso, deve-se começar com histórias envolventes. Sobretudo, fantásticas.

4 Considerações finais

Concluindo este trabalho podemos perceber o quão importante é a presença do livro e a prática da leitura na sala de aula. Afinal de contas, essa experiência será necessária para o aluno por que no mundo em que vivemos a leitura e a escrita são atividades presentes em todos os lugares e que envolve várias áreas, seja para ler e interpretar os problemas matemáticos, ou para compreender um artigo sobre uma nova descoberta científica de físicos, químicos ou biólogos, ler sobre um novo achado arqueológico que muda o que se entende da história do homem ou mesmo ler uma notícia de um jornal ou uma propaganda de um produto. As palavras estão em todos os lugares.

Fazemos uso da leitura por diversos motivos, como já dito anteriormente, e para compreender diversos tipos de textos de vários tipos de autores que tem objetivos diferentes para escrever tais textos. Por isso a importância da prática da leitura na escola. Mas não podemos esquecer como bem diz Freire (1989) da leitura de mundo das crianças. Elas não são simplesmente sujeitos vazios, elas trazem sua bagagem, sua experiência e vivência sobre o mundo. Com isso, considero o momento da leitura como uma troca entre o autor e o leitor, por meio disso o leitor compreende melhor o mundo assim como compreende melhor a leitura por meio do que ele já conhece.

Durante o trabalho, discorri sobre a importância, também, da literatura e da literatura infantil. Percebe-se, com base nos autores aqui estudados, que a literatura permite a reflexão crítica sobre a realidade e que provoca questionamentos, por parte do leitor, sobre o mundo em que vivemos. E mesmo as histórias de fantasia, por mais distante da realidade que possa parecer, sempre estará ligada ao mundo do leitor. Com relação à literatura infantil, vimos com Amarilha (2009), que ela é extremamente importante para desenvolver habilidades que serão essenciais para a criança: abstração (necessária ao planejamento), concentração, conhecimentos de novas palavras, das várias formas de uso delas e de estruturas linguísticas mais elaboradas.

Então, vem a literatura fantástica, tema central desta monografia. Conhecemos a definição de diversos autores ao que vem a ser o fantástico, respondendo aos questionamentos iniciais apresentados no primeiro tópico deste trabalho: como os pesquisadores conceituam o fantástico? Quais as características desse tipo de literatura? Todorov (2008) apresenta essa literatura como sendo a presença da hesitação, um momento de vacilação, principalmente do leitor, em relação ao que é real ou não. Calvino (2004) fala das realidades inconciliáveis: mundo e pensamento. Held (1980) a traz como o imaginário do autor, o encontro entre sonho e realidade e que a literatura fantástica tem sua fonte no cotidiano. Coelho (2000), assim como Held (1980), fala das realidades que se fundem, se transformando em uma terceira. E Roas (2013), a apresenta como a convivência conflitiva entre o real e o impossível.

Foi apresentada a história de Alice no País das maravilhas e percebemos características do fantástico. O que desmitifica um pouco a ideia dessa literatura apenas estar voltada ao terror, sendo considerada para adultos. E, vai de encontro a ideia inicial de a mesma estar ligada a presença da fantasia. No entanto, alguns autores, como Todorov (2008) e Calvino (2004), aqui presentes traz em seus livros exemplos de histórias que despertam de certa forma, sentimentos de medo, e as características que esses autores consideraram serem da literatura fantástica estavam presentes na história de Alice.

Enfim, como já dito, a partir dos estudos desses autores, pode-se concluir que o fantástico é o encontro entre o real e o imaginário (impossível, extraordinário e sobrenatural), em que o personagem e o leitor se deparam com situações, personagens, cenários inusitados, onde tudo é possível.

Com isso, foi apresentada a importância da literatura fantástica à formação de leitores a partir dos autores estudados, respondendo a outro questionamento apresentado no primeiro tópico deste trabalho: Quais as contribuições dessa literatura para a formação do leitor? O primeiro ponto a ser destacado aqui, mas que já foi apresentado anteriormente, é a possibilidade de o leitor vivenciar uma realidade diferente da sua, onde sonhos se realizam e tudo é possível o que

definitivamente atrai o leitor. Quem não se sentiria atraído para um lugar onde o impossível é possível e os seus sonhos considerados loucos para a sua realidade acontecem por lá? O segundo ponto é o fato de mesmo apresentando coisas extraordinárias e fantasiosas essa literatura tem sua fonte no cotidiano, na realidade. Por meio do fantástico, temas do mundo em que vivemos são trazidos para a história a seu modo e permitem que o leitor reflita e questione o mundo em que vive.

A identificação com o personagem ou algum outro elemento da história, também, é possível. Essa literatura pode traduzir os sentimentos humanos, e o leitor pode se sentir refletido nela. Isso permite que o leitor possa refletir sobre si mesmo e sua vida. O que faz com que ele se envolva na história. E nada mais importante do que se envolver com uma história para quem quer começar a ler. Afinal de contas, para se formar leitores que gostem de ler é preciso que os mesmos gostem do que leem. Outro ponto a se destacar é o de que o Fantástico provoca a imaginação e estimula a criatividade: todo leitor, não importando o que ler, espera algo, cria uma expectativa em relação à história. Onde tudo é possível o leitor pode esperar tudo, e imaginar e criar faz parte da expectativa que ele tem em relação à narrativa. Desafio a você leitor ler algo sem ao menos pensar o que o livro aguarda.

Vê o quão fantástico pode ser trabalhar com essa literatura?

Agora surge um questionamento: De que forma trabalhar a literatura fantástica na sala de aula? Fica para você leitor esse questionamento e para quem sabe trabalhos futuros. Mas deixo aqui essa citação:

"Para tornar os alunos bons leitores — para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura —, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para

poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.” (BRASIL, 1997, p. 43).

Sabe-se, pois que a ação do professor à leitura está sustentada em concepções sobre o que é ler; como se ler; como se ensina a ler; o que é texto; o que é autor; qual relação há entre texto e leitor e muitas outras questões que surgem na complexa atividade de leitura. Essas concepções estão relacionadas às práticas que podem promover interesses ou não ao leitor aprendiz. O que vai depender do trabalho do professor e que vai influenciar no que vai se tornar o futuro leitor. Aliado a isso, livros envolventes e de interesse do aluno é um bom começo. O fantástico é um mundo aberto e cheio de possibilidades.

Referências

AMARILHA, Marly. Literatura infantil e prática pedagógica. In:_____. **Estão mortas as fadas?** Petrópolis: Vozes, 2009.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Primeiro e segundo ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CALVINO, Italo. **Contos fantásticos do século XIX escolhidos por Italo Calvino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

CESERANI, Remo. **O fantástico**. Tradução de Nilton C. Tridapalli. Curitiba: UFPR, 2006. p. 71.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Editora Autores Associados: Cortez Editora, 1989.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas?. In:_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. Trad. de Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Leitura, texto e sentido. In:_____. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.

LEITE, Terezinha de Jesus Lopes Ferreira, “Fantástico”: um dragão nos currículos escolares. 2002. 148f. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2002. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/250888/1/Leite_TerezhadeJesusLopesFerreira_M.pdf.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

RAMÓN, M. Promoção de competências lingüístico-literárias e conhecimento de si: o individuo em busca do seu mundo (uma leitura de Artur e a palavra mágica). In: Encontro Internacional “A criança, a língua e o texto literário: da investigação às práticas”, 1, 2003, Braga. Actas...Braga: Universidade do Minho, 2003. p. 375-383. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3629/1/ActasCompletasBRAGA%202003.pdf>

ROAS, David. O fantástico como problema de linguagem. In: ALVARO Luiz (Orgs.). **Pelas veredas do fantástico, do mítico e do maravilhoso**. São Paulo: Cultura acadêmica; São José do Rio Preto: HN, 2013.p. 61. Disponível em: http://editorahn.grupohn.com.br/wp-content/uploads/sites/16/2014/01/Fant%C3%A1stico_PDF.pdf

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução a literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.